

O PAÍS DOS MARAJÁS

GONÇALO FERREIRA DA SILVA



O PAÍS DOS MARAJÁS

Gonçalo Ferreira da Silva

Um novo dicionário
já publicado este ano
por Francisco da Silveira
nos diz isento de engano:
Marajá significa
título de príncipe indiano.

Até aí nada dito
mas o que acontecia
é que os marajás formavam
um tipo de dinastia
que abocanhava a metade
do que a Nação produzia.

Num poema que escrevi
disse uma verdade eterna:
Se Paulo Salim tirar
dum banco que tem em Berna
um quarto da sua fortuna
paga a nossa dívida externa.

Mas para pagar a dívida
externa existem milhares
de formas, algumas drásticas
e outras mais populares
sem ser preciso mexer
em contas particulares.

Pela legislação, sei
quanto ganha um senador,
só não sei é se recebe
apenas esse valor
mas ele serve de base
ao bom analisador.

Quanto ganha o presidente?
consulte a legislação
que pode e deve ser lida
pelo simples cidadão
que deseje saber quanto
ganha o chefe da Nação.

Sabemos que os ministros
ganham quantia avultada
muitos deles sem talento,
mente perra, escambichada
como o do planejamento
que nunca planejou nada.

Uma conta, o presidente
abre e todo mês desconta
metade do que percebe
pra depositar na conta
aberta pra dívida externa
já de vergonhosa monta.

Sarney devia dizer:

— Ministros e senadores
daqui pra frente, a metade
do que ganham os senhores
será dividida para
pagar aos nossos credores.

**Mas deve acrescentar antes
de qualquer contestação:**

— Quem não estiver de acordo
nem carece discussão
coloque um papel na máquina
e é só pedir demissão.

**Aquele que receber
mais de cento e vinte mil
dos cofres da União,
o militar ou civil
descontará a metade
para salvar o Brasil.**

**Agora é que quero ver
os brasileiros leais,
os amigos da Nação,
os patriotas reais...
Também não crio mais pastas,
já há ministros demais.**

Quando Sarney terminasse
de falar, possivelmente,
não receberia aplauso
e de quebra, certamente
nem mais vinte e quatro horas
teria como presidente.

Curiosa também é
a nova constituinte,
é feita com tanto gasto,
escrita com tal requinte
que maior que o trabalho
é o rombo do dia seguinte.

Mas quem trará ao Brasil
a tão desejada paz,
engrenando uma primeira,
deixando de andar pra trás
serão esses oportunos,
salvadores marajás.

Pois nós não acreditamos
que duvidosa emoção
faça nosso presidente
antecipar-se à razão
deixando esses marajás
sugando a nossa Nação.

Se houver mais de dez mil
marajás ninguém estranha,
multipliquemos dez mil
pelo que cada um ganha
dá uma conta fantástica
capaz de qualquer façanha.

Dez mil por trezentos mil
se multiplicado for
forma soberba quantia
de descomunal valor
que esbugalha os olhos
do mais descrente credor.

Não que isto seja tudo
mas é uma das saídas
inteligentes e justas
que devem ser aplaudidas
além de ser o começo
doutras radicais medidas.

É um ministro que deixa
seu ordenado pra lá,
é acrescentado a este
o que ganha um marajá,
pelo menos boa vontade
dá pra se sentir que há.

Os marajás, está claro
que têm que dar logo o fora
sem carecer que lhes mandem
pois já é mais do que hora
de colocarem o rabo
entre as pernas e ir embora.

Acho porém que esta estória
de marajá é besteira,
uma besteira em que quanto
mais nela mexer mais cheira
pois é uma coisa ti —
picamente brasileira.

Não estou falando nada
tateando no escuro,
os marajás do presente
serão, no duro, no duro
os senadores e o próprio
presidente do futuro.

Quanto às duas alternativas
por mim selecionadas
pra pagar a dívida externa
longe de serem estudadas
só provocariam muxoxos
e desprezíveis risadas.

Pois é mais do que provado,
queridos irmãos leitores,
os donos do poder, tidos
por senhores dos senhores
descarregam tudo sobre
os pobres trabalhadores.

São aumentos vergonhosos
em todos os cereais
num galope alucinante
que os miseráveis pais
de famílias não encontram
maneira de viver mais.

O pobre trabalhador
tem às moscas a cozinha,
se come é tripa salgada
ou quando muito sardinha
ou bucho, cordialmente
chamado de dobradinha.

Para quatro ou mais crianças
racha um miserável ovo,
enquanto lembra um discurso
relativamente novo:
"O Brasil não vai pagar
conta com a fome do povo".

Depois ainda apresentam
um programa deprimente
para distribuir leite
à população carente
em vez de lhe conceder
um ordenado decente.

Muitas vezes o cliente
pega um quilo de feijão,
quando se dirige à caixa
no meio da multidão
vem um cara e muda o preço
na palma da sua mão.

Consultando o bolso chega
à conclusão deprimente:
infelizmente o dinheiro
já é insuficiente
contrariado, no monte
bota o feijão novamente.

Num país escambichado
por tanta chaga moral
precisa de um Barros Alves
num mais alto pedestal
pra ser, num futuro breve
salvação nacional.

Fim

Junho/87

Procurem Lampião, o Capitão do Cangaço.
A mais completa e importante narrativa
sobre o famoso cangaceiro. Um poema de
lances tão empolgantes que farão vibrar
seu coração.

Lampião - o Capitão do Cangaço
de

Gonçalo Ferreira da Silva